

## A CLÍNICA DA TOXICOMANIA\*

Véra Motta

### 1. A TOXICOMANIA E A CLÍNICA PSICANALÍTICA

A palavra *toxicômano* designa um sujeito submetido a uma prática que o social imputa como excludente, de tal forma que se poderia afirmar que o personagem do toxicômano representa a figura contemporânea da vítima. Considerar a *toxicomania* a partir da clínica psicanalítica impõe, por conseguinte, alguns marcos teóricos, que a diferenciem das demais abordagens deste fenômeno.

Em primeiro lugar, tal designação – *toxicomania* – não é oriunda do campo psicanalítico, mas do saber médico, constituindo "um estado de intoxicação gerado pelo consumo de substâncias tóxicas, que cria um estado de dependência psíquica e física em relação aos seus efeitos". A clínica psicanalítica, sendo uma clínica do sujeito, e não das identidades sociais, não poderia pautar-se nos traços de toxicomania para definir a questão, que interroga os analistas e angustia os sujeitos que se consomem nesta prática.

Pode-se, então, perguntar : o que permite situar os chamados toxicômanos no campo da clínica psicanalítica? Para situar o problema, propomo-nos partir das noções primeiras, em seu mais amplo sentido, do fundador deste campo, Sigmund Freud.

### 2. A ADIÇÃO, SUBSTITUTO DA MASTURBAÇÃO

Em sua correspondência frutuosa com Wilhelm Fliess, numa carta de 22 de dezembro de 1897, e preocupado com o hábito da masturbação, a que chama de “vício primário”, Freud alinha uma série de outros hábitos sucedâneos a este: o álcool, a morfina, o fumo e “coisas parecidas”(1). Podemos entender esta asserção a partir do fato de que a masturbação é uma tentativa, privilegiada, de recusar a aposta do combate entre os sexos, de tal modo que o masturbador obtém um gozo auto-erótico, prescindindo do parceiro sexual. Tal como o

masturbador, o toxicômano tenta infiltrar o gozo no corpo, gozo que se torna cada vez mais e mais solitário (2).

No ano seguinte, no artigo *A sexualidade na etiologia das neuroses*, Freud volta a afirmar: “Quebrar no paciente o hábito da masturbação é apenas uma das novas tarefas terapêuticas impostas ao médico que leva em conta a etiologia sexual dessa neurose; e parece que precisamente essa tarefa, como a cura de qualquer outro vício, pode ser efetuada em uma instituição sob supervisão médica. Abandonado a si mesmo, o masturbador se acostuma, sempre que acontece alguma coisa que o deprime, a retornar à sua cômoda forma de satisfação (3)”. A estratégia freudiana consistia em fazer o sujeito retornar ao intercuro sexual normal, ou seja, ao gozo que passa, necessariamente, pelo Outro.

Ora, se com a masturbação o sujeito se esquivava do confronto com o Outro sexo, num combate em que os amantes, constantemente, tropeçam, o toxicômano, com sua droga, parece, igualmente, esquivar-se da questão sexual. Daí porque reduzir o tratamento do toxicômano à abstinência, ou à privação da substância, sem se importar com a fonte da qual brota essa necessidade imperativa, soa inadequado para Freud. O narcótico, salienta o autor, serve de substitutivo para uma falta de satisfação sexual, e, a menos que se restitua essa via no sujeito, toda e qualquer tentativa fracassará. Compreendemos que o restabelecimento dessa via não passa, necessariamente, pelo ato sexual, mas pela palavra que institui o Outro sexual no discurso do sujeito. Em outro artigo, datado de 1912, *Contribuições a um debate sobre a masturbação*, Freud destaca a importância do sentimento de culpa ligado à masturbação, qualquer que seja sua fonte (4).

### 3. O JOGO COMO ADIÇÃO

Em 1928, quando publica *Dostoiévski e o parricídio*, Freud argumenta: “Podemos esperar que, na história de uma neurose acompanhada por um sentimento de culpa tão severo, um papel especial seja desempenhado pela luta contra a masturbação. Essa expectativa é completamente atendida pela inclinação patológica de Dostoiévski ao jogo [...] (5)”. Neste artigo, Freud examina quatro facetas na personalidade de Dostoiévski: o artista criador, o

neurótico, o moralista e o pecador. A segunda e a quarta nos interessam aqui, em especial, pela sua relação com o tema da toxicomania.

A faceta neurótica do escritor russo encontra apoio no caráter histérico das crises epilépticas, uma das quais ocorre em momento significativo de sua vida, na noite de núpcias com sua primeira esposa, Maria, ou seja, num encontro com o Outro sexo. A análise procedida por Freud demonstra que o ataque epileptiforme destina-se a substituir uma satisfação auto-erótica praticada no passado e à qual o indivíduo renunciou. O coito, que na Antiguidade era descrito como 'uma pequena epilepsia', mostra o caminho para a descarga motora da libido recalcada em um ataque histérico.

Na biografia do escritor, sabe-se das crises de estados sonolentos que acometiam o pequeno Dostoiévski, e que Freud supõe relacionarem-se com um desejo inconsciente de morte dirigido ao pai. A crise histérica, epileptiforme, aparece, pois, como uma autopunição por esse desejo de morte contra um pai odiado. O parricídio é considerado o crime principal e primevo da humanidade, e é a principal fonte do sentimento de culpa. Freud relaciona o sentimento de culpa exacerbado do escritor à sua paixão pelo jogo, que consome todas as suas economias e o obriga a uma vida errante.

A mania do jogo em Dostoiévski é considerada por Freud como um acesso inequívoco de paixão patológica. Seu sentimento de culpa, supõe Freud, “[...] tinha assumido forma tangível como se fosse um ônus de dívidas, e ele pode refugiar-se no pretexto de estar tentando, com seus ganhos nas mesas de jogo, possibilitar a volta à Rússia sem ser preso pelos credores(...) Sabia que o importante era o jogo pelo amor ao jogo - le jeu pour le jeu [...] Para ele, o jogo era também um método de autopunição [...] Quando suas perdas os reduziam à mais extrema necessidade, extraía disso uma segunda satisfação patológica. Podia então censurar-se e humilhar-se [...]” (5). Freud ainda observa que a produção literária do escritor nunca ia tão bem como quando ele perdia tudo e empenhava suas últimas posses, o que podia ser compreendido como uma suspensão da inibição, pelo castigo que se havia infligido.

Na clínica da toxicomania, esse fenômeno também pode ser observado nas constantes manobras dos sujeitos com as autoridades que representam a lei, que freqüentemente os

pune, liberando-os, desse modo, de se infligirem, eles próprios, os castigos que lhes demanda o supereu exigente. A origem da compulsão ao jogo é localizada por Freud na puberdade: trata-se de uma fantasia, carregada de desejo, que impele o pequeno homem freudiano em direção à mãe, para que esta o inicie na vida sexual, livrando-o dos perigos da masturbação. A paixão pelo jogo constitui um equivalente da antiga compulsão a se masturbar.

#### 4. ALCOOLISMO - MODELO DE CASAMENTO FELIZ

Num artigo em que procura analisar as causas da impotência psíquica nos homens, intitulado *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* (Contribuições à Psicologia do Amor II), Freud afirma: “Toda a esfera do amor, nessas pessoas, permanece dividida em duas direções personificadas na arte do amar tanto sagrada como profana (ou animal). Quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar” (6). A principal medida protetora contra essa perturbação consiste na depreciação do objeto sexual. Assim sendo, a escolha amorosa entre os homens procede por exclusão: ou da mãe, objeto digno de amor, ou da puta, cuja depreciação é indispensável à colocação do desejo (7).

Essa clivagem se enuncia como um sintoma, o da impotência sexual. O sofrimento reside na coexistência impossível do amor com a satisfação sexual, que a mulher, tomada como objeto imaginário, encarna através de figuras antinômicas. O sujeito teme encontrar, na parceira, um dos traços que a mãe possui, resultando disso, como medida protetora, a desvalorização do objeto sexual. Neste sentido, Freud aponta para as manobras feitas com o objetivo de intensificar a libido, ou seja, de aumentar o valor do objeto: para isso, erguem-se obstáculos, “[...] e onde as resistências naturais à satisfação não foram suficientes, o homem sempre ergueu outros, convencionais, a fim de poder gozar o amor” (8).

O caráter de frustração da satisfação, colocada na base de toda relação amorosa, não é fortuito, como se poderia pensar, mas decorre de uma falha estrutural da pulsão, de não poder ser satisfeita inteiramente. Assim, diz Freud, algo na natureza do próprio instinto

sexual é desfavorável à realização da satisfação completa. Contrariamente a essa posição da pulsão, que cresce de importância psíquica, na medida em que se vê frustrada, Freud situa a relação do bebedor e de sua bebida.

Trata-se de uma relação de exceção, em que não aparece a clivagem ou divisão entre a mãe e a puta, como na escolha do objeto amoroso; ao contrário, o laço do bebedor com o vinho é estável, regular, e dele o sujeito não se queixa. O bebedor reúne num só objeto amor e gozo, sem a frustração da satisfação, o que o torna um amante atípico, a tal ponto que leva Freud a afirmar: “Se atentarmos para o que dizem os grandes alcoólatras, como Böcklin, a respeito de sua relação com o vinho, ela aparece como a mais harmoniosa possível, um modelo de casamento feliz” (9) .

A relação do bebedor com o vinho é fora do comum, na medida em que o bebedor não se importa com os impasses do sexo. A satisfação tóxica, de acordo com Bernard Lecoœur, caracteriza-se por um gozo fabricado, monótono, que ele identifica ao gozo do Mesmo: trata-se, para o sujeito, de ser sempre o mesmo para o Outro. Diferentemente do homem que ergue obstáculos para o seu objeto de escolha amorosa, o bebedor não procura, segundo Freud, um país em que seja proibido beber, ou seja, ele não contesta o Outro da lei, nem mesmo o despreza. Em outros termos, o bebedor não procura interdição para gozar. Goza da bebida, que é um objeto incômodo ao casal, à família, e mesmo à sociedade.

Enfim, o bebedor, ou, como aqui designamos, o alcoolista, busca um objeto – lícito em termos das disposições da lei – para gozar, um objeto de que ele extrai o excesso, pela mesma via que tem a palavra, a via oral. No seu apagamento típico dos estados de embriaguez, o bebedor realiza, atua o esquecimento, aliviando o sujeito da satisfação diminuída, e isolando-o dos acontecimentos desagradáveis, em particular das flutuações da vida amorosa. É um “amor sem riscos”, o que o bebedor conhece, o verdadeiro modelo do casamento feliz.

## 5. A MANIA NO ALCOOLISMO E NA TOXICOMANIA

O termo *mania*, que aparece na palavra toxicomania, tem sua inscrição na Psicanálise desde 1894, quando Freud escreve a Fliess uma carta, apelidada de *Rascunho G*, em que aborda a enfermidade da melancolia. Salienta Freud que os efeitos da melancolia são, entre outros, a inibição psíquica, com empobrecimento pulsional e dor, e a contrapartida desse processo de dor é, muito justamente, a mania (10). Em 1917, no seu artigo *Luto e melancolia*, discute a mania na seção final do artigo, estabelecendo relação entre os estados tóxicos e os fenômenos de excitação maníaca, próprios de certos tipos de melancolia (11).

Em 1921, em outro artigo, *Psicologia de Grupo e a análise do ego*, Freud reconhece, nos casos de mania, que o ego e o ideal do ego se fundem de tal modo que a pessoa, em estado de ânimo de triunfo de auto-satisfação, sem se perturbar por nenhuma autocrítica, desfruta a suspensão de suas inibições, sentimentos de consideração pelos outros e autocensuras (12). Com *O Ego e o Id*, artigo de 1923, retorna à questão, afirmando que, em alguns estados de melancolia, o superego, excessivamente forte, dirige-se com violência impiedosa contra o ego, de forma sádica, e, para afastar o sujeito disso, o ego afasta o tirano superego, mudando para a mania (13).

Colette Soler, em seu *Estudios sobre las Psicosis* (14), reconhece uma simetria, invertida, entre os estados melancólicos e os maníacos: o luto ou a tristeza melancólica está para a melancolia assim como a festa está para a mania. A alegria da transgressão passa a ser a chave da mania, tal como a dor, o sofrimento da perda, o são para a melancolia. Como entender o triunfo, a alegria jubilosa, maníaca? Ao contrário do que afirma Freud, Coler assegura que o superego, antes de ser um princípio de limitação, constitui um princípio de excesso, a serviço do gozo. Em outros termos, o mandamento do superego é “Goza!”.

Em *Luto e Melancolia*, Freud assevera que a embriaguez alcoólica pode ser explicada da mesma maneira que a mania : ocorre aí uma suspensão, produzida por toxinas, de dispêndios de energia na repressão, ou seja, estabelece-se, entre a instância de censura e o ego uma luta, da qual sai vitorioso o ego, em estado de triunfo, liberando a libido e tornando o sujeito “alegre” e tão animado, desinibido em sua ação. Colette Soler critica

Freud por não dar-se conta do risco mortal implicado na noção de festa, na mania, sem diferenciar a vitalidade bizarra do maníaco, que ameaça, com suas ações, sua própria vida, do sujeito que assume sem reservas suas pulsões. Em outras palavras, não se distingue o maníaco do cínico.

A noção do cínico ultrapassa a mera definição que lhe dá o dicionário, constituindo-se numa expressão cunhada pela Filosofia, que designa todo aquele que pertence à escola filosófica de Antístenes e de Diógenes, e que pretendia retornar à natureza, desprezando as convenções sociais, a opinião pública e a moral comumente admitida. Diógenes foi mais longe que o seu mestre Antístenes : não apenas negava a existência de Deus, o valor das leis e a idéia da mãe-pátria, como chegou a defender o canibalismo. O prazer lhe era irrelevante, praticava freqüentemente a masturbação e se opunha, enérgicamente, a quem pretendesse legislar sobre suas condições de vida (15).

Jacques-Alain Miller, no artigo intitulado *Encerrramento* (16), afirma que há um outro tipo de gozo que não passa pelo corpo do outro, mas pelo próprio corpo – e que se inscreve sob a rubrica do auto-erotismo. A esse gozo ele designa de gozo cínico – historicamente ligado a Diógenes – pois rejeita o Outro, não passa pelo corpo do Outro. Miller vê aí desprender-se a especificidade do gozo toxicomaniaco, que, entretanto, difere da solução da psicose. A toxicomania é menos uma solução do problema sexual do que a fuga para não se colocar este problema.

O toxicômano, ou aquele que faz uso dos produtos da ciência, parece inscrever-se nas coordenadas da posição cínica: não há Outro, não é necessário efetuar nenhuma cruzada para dedicar-lhe sacrifícios nem oferendas. Apenas, talvez, pretenda incomodar quem pretender interferir em sua vida em nome de seu bem, ou do bem comum. Resulta dessas aproximações que a designação “toxicomania” é imprópria, porquanto não se coloca o usuário das drogas do lado da psicose, mas, mais precisamente, do lado de Diógenes, na posição cínica, do sujeito que assume, sem reservas, suas pulsões.

## 6. A TOXICOMANIA ; UM SINTOMA MODERNO

Em 1930, Freud publica um dos trabalhos mais importantes para a compreensão dos problemas da vida moderna, *O mal-estar na civilização*, em que examina as principais fontes do sofrimento do homem na vida civilizada e as maneiras de evitar este sofrimento. Situa três principais fontes do sofrimento do homem: o corpo, condenado à decadência e à dissolução; o mundo externo, com suas exigências sempre crescentes e suas forças destruidoras; e, finalmente, os relacionamentos com os outros homens. Entre as formas de responder ao que designa de mal-estar do homem no mundo, Freud relaciona: “derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela” (17).

Entre os métodos para aliviar o sofrimento humano, e encontrar o pouco de felicidade, possível apenas como manifestação episódica, Freud relaciona desde o cultivo do jardim à ciência, passando pela sublimação, o amor, a religião, a fruição da beleza, e, por fim, as substâncias tóxicas, muitas das quais constituem produtos da ciência, e que cada vez mais se multiplicam, expandindo o campo do seus consumidores. Dos métodos alinhados por Freud, este último é considerado o mais grosseiro, contudo o mais eficaz. Interessa salientar a tese freudiana neste artigo, e que faz aparecimento noutros artigos anteriores: algo da própria constituição psíquica do homem torna a tarefa de evitar o sofrimento impossível. O desenvolvimento da civilização impõe de tal forma restrições à liberdade do indivíduo, que este se vê obrigado a renunciar a boa parte da satisfação pulsional, com prejuízos para sua vida psíquica.

Contudo, desta tese resulta que, apesar da restrição que a civilização opera ao gozo do homem, nem toda a satisfação pulsional pode ser eliminada, conservando-se uma parte dela, e que não é a mesma para todos, ou seja, nem todos partilham da mesma quota de gozo, e, portanto, de sacrifício.



## 7. A CLÍNICA DO SUJEITO E AS INSTITUIÇÕES

Na clínica do toxicômano é essencial articular uma clínica do gozo, se se almeja abordar a toxicomania pelo viés da Psicanálise que, por sua vez, não se reduz à fala e à linguagem, mas envolve também o corpo, feito para gozar. Pode-se ter uma idéia do gozo quando se indaga a respeito, quando se fala dele, único meio de contê-lo. Durante sua trajetória de tratamento numa instituição, o toxicômano pode formular uma demanda ao analista. É uma demanda a partir de uma angústia e de um gozo, que o dispositivo de tratamento não consegue conter.

A presença do analista na instituição permite trabalhar esta demanda e abrir uma clínica do sujeito na transferência, pivô da experiência analítica e, paradoxalmente, seu principal obstáculo. A clínica do sujeito tem um lugar nas instituições para toxicômanos, desde que haja analistas que ocupem este lugar. O que se observa, comumente, é que os toxicômanos procuram centros especializados, hospitais, serviços de assistência social, mas, raramente consultam o psicanalista. Daí a importância da presença do analista nestas instituições, com o fim de fazer instalar o que chamamos a clínica do sujeito, e que a designação “toxicômano” acaba por eludir.

Cabe também aos analistas a tarefa de buscar, na clínica destes sujeitos, as diversas formas de relação que se estabelecem entre esta prática e a posição do sujeito na estrutura, seja neurose, psicose ou perversão. Na neurose, o consumo de substâncias tende a anular a aposta em função do falo, o que resulta, como efeito, que o sujeito se faz parceiro praticamente exclusivo de um objeto e uma prática, da qual obtém um gozo que não passa pelo Outro, em sua vertente sexual. Isso põe o sujeito ao abrigo da angústia e do sintoma, e é por isso que não vemos o toxicômano buscar a análise, pois não há sofrimento de sintoma implicado; o que há, muitas vezes, é um pedido de restabelecimento da ordem das coisas, por eventual perda do controle.

Na psicose, o consumo funciona como um modo de suplência, de estabilização dos lados sociais, já frágeis nestes sujeitos, limitando, ao mesmo tempo, o gozo que os invade, gozo mortífero que se vê aplacado, provisoriamente, pela prática do drogar-se. Daí a

importância de estabelecer-se o diagnóstico diferencial na clínica e as formas ou modalidades de relação da prática com a posição do sujeito na estrutura.

A origem da angústia, no sujeito falante, pode ser localizada quando este se dá conta de sua relação com o falo, ou seja, de que está casado com seu pipi, como Freud assinalou a respeito do caso do menino Hans. Tudo o que permite escapar a este casamento é benvindo, donde o êxito da droga.

### NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) FREUD, Sigmund. Carta 79. *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Org. Moussaieff Masson, p.288-90.
- (2) SINATRA, La existencia del goce y la del toxicomano. *Sujeto, goce y modernidad III, de la monotonía a la diversidad*, p.109-19.
- (3) FREUD, S. A sexualidade na etiologia das neuroses. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Imago, v.III, p.287.
- (4) \_\_\_\_\_. Contribuições a um debate sobre a masturbação. *Edição...*, v.XII, p.307.
- (5) \_\_\_\_\_. Dostoiévski e o parricídio. *Edição...*, v. XXI, p.205.
- (6) \_\_\_\_\_. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à Psicologia do Amor II). *Edição...*, v.XI, p.163.
- (7) LECOEUR, Bernard. Clínica de um casamento feliz. Elementos para uma clínica psicanalítica do alcoolista. *O Homem embriagado*, p.20.
- (8) FREUD, S. Sobre a tendência.... p.171.
- (9) *id. ibid.*
- (10) FREUD. Rascunho G. *A Correspondência...op. cit.*
- (11) \_\_\_\_\_. Luto e melancolia. *Edição...*, v.XIV, p. 275.
- (12) FREUD. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. *Edição...op. cit.*, v.XVIII, p.91.
- (13) \_\_\_\_\_. O Ego e o Id. *Edição...*, v.XIX, p.23
- (14) SOLER, Colette. *Estudios sobre las psicosis*. Buenos Aires, Ed. Manantial.

(15) SINATRA, *op. cit.*, p.113.

(16) MILLER, Jacques-Alain. Encerramento das Jornadas da ECF, 1989. (17) FREUD, S. O mal-estar na civilização. *Edição...*, v.XXI, p.81.

---

\* Texto elaborado para o Curso *A clínica da toxicomania* durante o I Seminário Alagoano sobre o uso indevido de drogas, entre 27 e 31 de agosto de 1996.